

Nimuendajú, Ribeiro, Freundt: Contribuições para mapeamento etnográfico Ofaié na primeira metade do século XX

MOREIRA, Lucas Cardoso¹

RESUMO: Pretendo apresentar neste ensaio breves considerações das obras de antropólogos essenciais e pioneiros na etnografia Ofaié: Nimuendajú, alemão que esteve com vários grupos entre 1909 e 1913, classificando-os em 4 principais grupos na publicação “A propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Brésil). Journal de la Société des Américanistes”, 1932, sendo: Ivinhema, Vacaria, Taboco e Rio Verde; Darcy Ribeiro, importante antropólogo brasileiro no trabalho de catalogação de diversas etnias, tendo os Ofaié como uma das principais pesquisas e o marco na obra “Notícia dos Ofaié-Chavante, de 1951; e não menos importantes, Erich Freundt e Herbert Baldus com o revolucionário livro de Ilustrações “Índios de Mato Grosso”, de 1947.

Palavras-chave: Ofaié; indígena; Etnografia;

NIMUENDAJÚ, RIBEIRO, FREUNDT: Contributions to ethnographic mapping Ofaié in the first half of the twentieth century

ABSTRACT: I intend to present in this essay brief considerations on the works of essential anthropologists and pioneers in the ethnography Ofaié: Nimuendajú, German that was with several flocks between 1909 and 1913, classifying them into 4 main groups in the publication "A propos des Indiens Kukura du Rio Green (Brésil). Journal de la Société des Américanistes ", 1932, being: Ivinhema, Vacaria, Taboco and Rio Verde; Darcy Ribeiro, an important Brazilian anthropologist in the work of cataloging various ethnicities, having the Ofaié as one of the main researches and the landmark in the work "News of the Ofaié-Chavante, 1951; And no less important, Erich Freundt and Herbert Baldus with the revolutionary book of Illustrations "Indians of Mato Grosso", 1947.

Keywords: Ofaié; indigenous; Ethnography.

OFAIÉ: HISTÓRICO DE CONTATO, SPI, E OS QUATRO GRUPOS LISTADOS POR CURT NIMUENDAJÚ: IVINHEMA, VACARIA, TABOCOS E RIO VERDE.

Os primeiros contatos com os grupos ocorreram em cenário de fins do século XIX por viajantes e exploradores. Em alguns momentos, foram confundidos com outras etnias, como em 1948 no Itinerário de Joaquim Francisco Lopes que os descreveu como “selvagens da nação chavante”, na região além do Paranapanema, ainda que tudo leva a crer se tratar de Oti e não Ofaié. (DUTRA, 2011, p.105)

O alemão Adoptivsohn der Wildnis em 1900, é responsável por um dos primeiros contatos diretos, na ocasião próximos ao Paranapanema. Pouco depois foi

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Email: lucasestudos@yahoo.com.br

criado o Serviço de Proteção aos Índios e com auxílio dele a realização de expedições científicas em direção ao oeste paulista, apresentando os Ofaié à sociedade brasileira.

Segundo Dutra (2011, p.107), os contatos continuaram em 1909 quando o geólogo Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa² lamenta não haver podido recolher entre os indígenas pelo menos um vocabulário para classificação linguística do povo Ofaié que ali encontrou. A localização mais completa é formada por Curt Nimuendajú³: ao norte, dividindo suas terras com a nação Kayapó Meridional, que habitava o Sertão de Camapuã, no alto Inhanduí, e também nas cabeceiras dos rios Pardo e Verde.

Nesse período ocorre o advento do SPI – Serviço de Proteção ao Índio, a princípio SPILTN – (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais), como esclarece Martins:

Estabelecido a partir de 1910, visava dois contingentes diversos: as populações indígenas e o chamado “trabalhador nacional”. Tal amplitude de ação implicava em estratégias distintas, mas com objetivos afins. A denominação genérica “trabalhador nacional” abrangia uma população rural de origens diversas, inclusive indígenas já incorporados aos parâmetros do órgão indigenista, tratando de imprimir a essa parcela da população uma condição transitória. (2012, p.10)

Entretanto, em 1918, a SPILTN transformou-se em apenas SPI, mantendo os objetivos de proteger os indígenas, dando ênfase à sua catequese. (SIQUEIRA; SOUZA, 2005, p.6)

O grande marco na elaboração e desenho dos limites dessa nação, se deu com Curt Nimuendajú, no seu trabalho Mapa etnográfico do Brasil Meridional, em que refuta o também alemão, Hermann Von Ihering que havia apresentado a pesquisa como sua em 1911. Ribeiro é firme quanto o pioneirismo de Nimuendajú em uma de suas principais obras: “O Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú”

Medindo um metro por um metro, na escala de 1:5.000.000, o mapa contém notações em cores e convenções gráficas para distinguir os 40 troncos linguísticos; três caracteres tipográficos distintos para identificar os etnonimos indicando sedes atuais e sedes abandonadas de tribos existentes e extintas; a data da documentação bibliográfica concernente a cada uma das 1.400 tribos localizadas; uma seta apontando o rumo da migração, bem como a explicitação da rede hidrográfica e das unidades políticas onde se situam os grupos. A impressão dessa multiplicidade de informações representa uma proeza comparável à própria elaboração do mapa. Essa façanha só se tornou possível

² Na obra Oeste de São Paulo Sul de Mato Grosso, Estrada e Ferro Noroeste do Brasil, 1909 (DUTRA, 2011)

³ Trabalho publicado no Mapa etnográfico do Brasil Meridional, 1932, p. 187 (DUTRA, 2011, p.108)

graças à conjugação de esforços do IBGE, da Fundação Nacional pró-Memória e do Museu Nacional. (RIBEIRO, 1982, p.175)

Nimuendajú irá localizar os Ofaié mais precisamente no artigo “A propos des indiens Kukura du Rio Verde (Brésil)”, publicado em 1932 pelo *Journal de la Société des Américanistes*.

GRUPO 1: IVINHEMA

Nas palavras de Curt, em 1909, parte principal da etnia encontrava-se entre os campos de Ivinhema e o Rio Paraná, dando a ideia de que o grupo de Ivinhema era um só, entretanto Ribeiro esboça uma leitura diferente e os divide em dois sub-grupos, um no Ribeirão Laranjalzinho que desemboca no Ivinhema, e outro no córrego Samambaia, próximo a atual cidade de Nova Andradina, formado por dois grupos de 100 indivíduos no total. Conta que o grupo havia vivido algum tempo na foz do Rio Santo Anastácio, na fronteira paulista, retornando novamente a Mato Grosso tempos depois.

Em 1924, uma nova reserva é reconhecida pelo SPI à margem esquerda do Samambaia, entretanto, em 1948, o demarcador Genésio Pimentel Barbosa aponta que não existiam mais Ofaiés habitando essa região.

GRUPO 2: VACARIA

O grupo localizado nos campos da Vacaria até o Rio Brilhante tinha como uma de suas características ser influenciado por exploradores, de modo que todos os membros dominavam a língua guarani paraguaia. (NIMUENDAJÚ, 1932, p.188). Na definição de Nimuendajú, eles eram vistos como “espigão coberto de mato entre os rios Santa Luzia e Vacaria, onde era difícil surpreendê-los, devido a vigilância que ali mantinham” (DUTRA, 2011, p. 195). Curt, em parceria com o SPI, aproximou os grupos de Ivinhema e Vacaria, levando-os em 1913, até o Laranjalzinho. Ele afirma que havia grandes diferenças de dialeto, mas a partida era necessária para colocá-los a salvo dos criadores de gado. Segundo Nimuendajú haviam 210 indígenas somando os grupos de Ivinhema e o de Vacaria. Na época, as terras já estavam griladas por latifundiários e as dificuldades de permanecer eram inúmeras. Com os enfrentamentos, veio a dispersão agregada a uma fatalidade, segundo Ribeiro (1974, p. 89), pois os remanescentes de Ivinhema padeceram todos por uma epidemia em 1918.

A perseguição continuou frente aos indígenas que retornaram a Vacaria. Conforme Ribeiro, eles foram fortemente atacados por criadores de gado da região nos anos seguintes, gerando sangrentas chacinas e a extinção desse grupo Ofaié:

Cada fazendeiro que hospeda um viajante naquela região tem todo um repertório de narrações sobre as lutas dos pais e avós que organizavam verdadeiras caçadas de índios para defender seus rebanhos. (...) matando todos os adultos e roubando as crianças, antes de estabelecerem cada novo retiro de criação. (RIBEIRO, 1974, p. 90)

É importante ressaltar que a edição escaneada para fins de pesquisa “Uirá sai à procura de Deus. Ensaio de Etnologia e Indigenismo”, é de 1974, entretanto o texto de Darcy Ribeiro foi publicado no ano de 1951, pela revista do Museu Paulista. Logo o grupo extinto é possivelmente aquele que Curt deslocou juntamente com o SPI para Ivinhema em 1913. É interessante pensar que a presença dos Ofaié se faz na memória local nos anos 1950, não como algo imediato, mas que já havia ocorrido há algum tempo. Até aqui, Darcy Ribeiro já afirma, em publicações, a extinção de dois grupos: Ivinhema e Vacarias.

GRUPO 3: TABOCOS

Outro grupo catalogado por Nimuendajú foram os “Tabocos”, nos pântanos do Rio Negro, mais ao leste do estado, de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), sem localização detalhada, também chamados de “Guachy” por brasileiros da época. Já os Ofaié os chamavam de Wahéi, tendo como significado “tartarugas”. Dutra, aponta por meio de Renato Alves Ribeiro na obra “Taboco, 150 anos: Balaio de recordações”, que esse nome, Taboco, tem origem no personagem tenente-coronel José Alves Ribeiro, o coronel Jeje, que se encontrava as voltas com os indígenas que perambulavam o entorno de sua fazenda, adquirida pelo pai em 1830. Esses indígenas tinham características bem diferentes dos Terena da região, que em boa parte participavam dos trabalhos nas fazendas de gado, tanto no âmbito do campo, quanto no privado, com as moças indígenas sendo criadas nas casas dos senhores. Como consta na obra de Dutra (2011), os fazendeiros os reconheciam como rastejadores, seguindo a batida dos animais até encontrá-los. Segundo consta, nessa época o grupo era formado por 60 a 100 pessoas.

Em 1913, 40 indígenas pertencentes ao grupo se mudaram para região de Ivinhema, mas retornaram ao Taboco logo em seguida. Curt afirma que houve facilidade na comunicação entre os dois grupos. Os Tabocos também aparecem nos

escritos de Rondon, em 1903, quando o mesmo realizava uma expedição no Rio Negro. Segundo os relatos presentes na obra “Notícia dos Ofaié”, de Darcy Ribeiro (1951), Rondon, ao descer o rio, deparou-se com um grande acampamento de caça organizado por estes índios, todos fugiram e ele pode observar os fogos em que preparavam as carnes. Depois de muito chamar, dois indígenas atenderam Rondon que ficou com um deles até o fim da expedição. Segundo Ribeiro (1951), Henri Henrihovitch Manizer também visitou esse grupo em 1914, estudando suas danças e instrumentos musicais, e apresentando dados que foram aprofundados na obra “Música e instrumentos de música de algumas tribos indígenas do Brasil”, de 1934.

Ao que consta, segundo Dutra (2011), em 1928, através de um decreto, essa área foi reservada aos Terena que, com o auxílio de fazendeiros, promoveram a expulsão do restante dos Ofaié na região.

GRUPO 4: GRUPO DO RIO VERDE

Um quarto grupo é o que ele chama de “Bando do Rio Verde”, de aproximadamente 40 indivíduos, vagando entre a foz do Tietê até o rio Pardo, tendo contatos frequentes com os grupos do sul. Sua língua é completamente igual. O autor faz referência a Índia Katayã:

À qual devo mais ou menos um quarto de meu material linguístico, era membro do bando do rio Verde e apenas há pouco tempo tinha mudado deste rio ao Ivinhema, de modo que se encontra em minhas anotações a frase seguinte: “Kitayá veio do rio Verde”. Então não resta nenhuma dúvida de que o bando do rio Verde fala a mesma língua dos outros Ofaié. (NIMUENDAJÚ, 1932, p.188)

Nimuendajú esclarece os equívocos cometidos por C. Loukotka, que anos antes havia noticiado uma nova etnia diferente dos Ofaié próxima ao local. Ele levanta duas hipóteses, ou a etnia desapareceu sem deixar vestígios, o que seria extremamente improvável já que as expedições de Loukotka deram-se em 1901, enquanto Curt esteve por ali desde 1909, e em nenhum momento brasileiros ou Ofaiés fizeram menção dessa possível etnia. A segunda hipótese ronda a ludibriação dos tradutores, nessa ocasião mais precisamente o paraguaio Guzmán, se dizendo conhecedor da língua Xavante. Nas palavras de Nimuendajú :

Uma segunda possibilidade, que para mim é muito mais provável, seria que o intérprete de Frič, o “Kaingá” (paraguaio?) Guzmán, simplesmente mentiu na cara do viajante ao afirmar conhecer a língua dos “Chavantes”, 364 Peter SCHRÖDER. Sobre os índios Kukura do Rio Verde (Brasil) pressupondo que ele ainda não pudesse julgar isso ou que os Ofaié do rio Verde entendessem o Guarani paraguaio tanto quanto aqueles de Vacaria que ele [o intérprete] talvez

conhecesse. Tendo chegado ao rio Verde, ele livrou-se dos apuros da melhor forma possível: ele nomeou a metade dos vocábulos perguntados num Guarani mais ou menos mal pronunciado. (1932, p.189)

Observamos, então, os quatro grupos identificados por Nimendajú na ocasião: 1) Ivinhema-Rio Paraná, aproximadamente 100 integrantes; 2) Vacaria-Rio Brilhante, aproximadamente trinta indivíduos, influenciado por exploradores Paraguaiois; 3) “Tabocos/Guachy/Wahéi”, sem localização detalhada, sem quantidade total indicada, próximos ao Rio Negro; 4) Grupo do Rio Verde, do Tiête ao Pardo, aproximadamente quarenta indivíduos, próximos linguisticamente ao grupo de Ivinhema.

Em cenário pré anos 1950, e já contando com a extinção de Ivinhema e Vacarias, Darcy Ribeiro, baseado no relatório de Genésio Pimentel Barbosa, traça a presença de três principais grupos em 1948: um à margem direita do Ribeirão Sta. Bárbara, outro na desembocadura do Rio Pardo, e o último nas imediações do Porto Quinze, no Rio Paraná.

Apesar de Ribeiro não traçar nenhuma declaração acerca dos indígenas da região do rio Taboco, sabe-se que nesse momento já não se fazem mais presentes na região do Rio Negro, sendo expulsos por coronéis e indígenas Terena. Sendo assim, três dos quatro principais grupos atribuídos por Nimuendajú já não existiam nos anos 1950, pelo menos não de forma organizada.

OS OFAIÉ NAS ILUSTRAÇÕES DE ERICH FREUNDT E DESCRIÇÃO DE HERBERT BALDUS

“Índios de Mato Grosso”, obra de Erick Freundt de 1947, em parceria secundária com Herbert Baldus, é um marco por tratar-se de ilustrações estampando a face dos indígenas para o Brasil e o mundo. Essa obra coloca em foco os Boróro (Bororo), Caduveo (Kadiwéu) e Opaié (Ofaié).

Na descrição de Baldus, os Ofaié foram descobertos para o mundo e para a academia por Curt Nimuendajú, que esteve com eles entre 1909 a 1911, sendo Opaié o nome que eles mesmo se dão e Xavante o nome dado pelos sertanejos. O contato com o sertanista não tinha caráter amigável como aponta Baldus:

Pela invasão dos criadores de gado no Sudeste mato-grossense morreram, na segunda metade do século passado, numerosos Opaié, tendo sido o resto dividido em bandos dos quais alguns perderam o contacto entre si. As perseguições continuaram, ainda, em nosso século, como evidencia, por exemplo, no livro Missão Rondon, uma referência aos esforços feitos, pelo actual

Presidente do Conselho Nacional de Protecção aos Índios, em prol dos Opaíé das cabeceiras dos rios Tabaco e Negro, os quais estavam sendo sistematicamente caçados e exterminados a tiros de carabina pelo coronel José Alves Ribeiro, sob o pretexto de que os índios matavam, para comer, as reses das suas fazendas. (FREUNDT; BALDUS, 1947, p. 5)

Em 1947, os autores descrevem a situação atual Ofaié de forma desesperançosa, estando esparramados e trabalhando para os vaqueiros da região.

O cenário de caos em que se encontrava a comunidade Ofaié também é referenciado pelo Cacique Ataíde, principal liderança do grupo nas últimas décadas do século XX. Em entrevista a Borgonha, ele conta suas memórias:

Eu nasci na década de cinqüenta, então, a comunidade não tinha mais sossego, não tinha seu espaço para viver, então não só naquela época dos anos cinqüenta, mas todas as pessoas que tinham a minha idade viviam só corrido, dormia pelos matos [...] tinha um sofrimento muito grande. Foi a partir dos fazendeiros. [...] toda a infância da minha geração, sofreu muito né! [...] Quando eu tinha nove anos de idade o meu pai veio a falecer por doença de sarampo, não tinha tratamento. Aí então aconteceu comigo que fui obrigado né, a sair, fui trabalhar pelas fazenda com nove anos de idade. Não tinha mais como eu morar na pequena aldeinha nossa. Não tinha mais, não tinha mais o que comer, não tinha mais o que caçar, não tinha pesca, não tinha mais...[...] Aí eu fui trabalhar nas fazenda né! E... naquela época as criança eram muito usada em serviço pesado assim né! Fiz muita coisa que não podia fazer, era obrigado né! Cheguei na idade de dezessete anos, retornei para minha aldeia para ver minha mãe. (BORGONHA, 2006, p.46)

Entretanto, o terror não se fazia apenas na figura do fazendeiro. Segundo Freundt e Baldus, Nimuendajú conta que um grupo de 60 a 70 Ofaié atravessou, em 1908, o rio Paraná, regressando, porém, dois anos depois. É, provável que, este o grupo que, segundo Horta Barbosa, foi assaltado pelos Caingang paulistas que lhe tomaram as crianças.

Freundt esteve, em 1942, com duas famílias Ofaié na cabeceira do Córrego Sant'ana, afluente do Rio Pardo, como relatado em imagens e de pequenos textos:



Ilustração: Uriyi caçando um mico. (FREUNDT, p.26)

O ilustrador descreve a imagem:

Uriyi volta da caça. Esta contente, pois conseguiu matar um mico incauto, que surpreendeu roubando milho na plantação. Leva o bicho em uma cesta. Na outra mão segura um arco comprido e um maço de flechas. A haste das flechas é feita de caniço e a ponta farpada de madeira escura. A flecha de ponta em botada serve para caçar pássaros. O nome do caçador alude, aparentemente, à sua barba, pois na língua opaié a palavra uriyi designa este atributo masculino, aliás raro entre índios. Numa madrugada, Uriyi pescava. Como isca servia a cabeça de um porco do mato, jogada na água e amarrada na raiz de uma árvore frondosa. Bem escondido, o índio esperava os peixes que fossem atraídos, para atirar os maiores com as suas flechas certas. Os peixes eram assados pela mulher, sobre uma grelha. Os Opaié, sempre de bom apetite, comem quase tudo que estiver ao seu alcance, lagartos, sapos, caramujos e também larvas gordas de besouro. (FREUNDT, 1947, p. 26)

Outra descrição interessante feita por Freundt é a respeito das moradias. A choupana não tem paredes e consiste em um enorme teto de folhas de palmeira, atingindo quase o chão. O telhado defende da chuva e do sol, mas não do intenso frio. Na luta para se proteger das geadas, cava-se no chão da cabana uma cova, forrada de capim seco, também são usadas peles de animais e cobertores que recebem como pagamento de fazendeiros vizinhos. A chefe da cozinha desse grupo é Uriyi, ela forra com pedras um buraco de meio metro de altura e ali prepara as refeições do grupo.

NOTÍCIA DOS OFAIÉ-CHAVANTE DE DARCY RIBEIRO

O texto “Notícia dos Ofaié-Xavante”, publicado em 1951, pela *Revista do Museu Paulista: Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios*, foi mais um grande passo na busca de um conhecimento etnográfico Ofaié.

No ano de 1948, Darcy Ribeiro e sua equipe conviveu por quatro semanas com um grupo de 10 Ofaiés cujos chefes eram irmãos: Otavio e José, vivendo com suas famílias à margem do Ribeirão Samambaia, próximos a Ivinhema.

Entre as recordações de Otavio, consta a crueldade contra os Ofaié desde o início do século:

Ocorreu em 1900 quando Otavio tinha menos de 5 anos. (...) Viviam numa aldeia à margem do Ribeirão Combate onde foram atacados uma madrugada por um grande número de cavaleiros. Seus pais conseguiram fugir, escondendo-se num pindaibal próximo, onde ficaram todo o dia; saíram a tarde, para ver se os atacantes tinham ido embora, a fim de procurar um irmãozinho que na precipitação da fuga, havia ficado para trás. Mas não tinham esperanças, sabiam que nesses ataques matavam todos os adultos e roubavam as crianças. (RIBEIRO, 1974, p.91)

Esse ataque ficou conhecido como Combate, sendo motivado por um sentimento de vingança por parte dos fazendeiros para com os Ofaié, ficando conhecida como a “façanha mais sanguinária da região”. Na lápide do fundador da Fazenda Porto Alegre, próxima ao local, concede a seguinte inscrição no túmulo “seus filhos e companheiros foram infortunadamente trucidados pelos chavantes em 19-4-1900” (RIBEIRO, 1974, p.92), mostrando uma face até então pouco conhecida dos Ofaié, o ser violento, o resistir de maneira sangrenta, ou em último caso, sendo confundidos com outra etnia.

Na obra, Ribeiro também faz referência aos costumes, como o de dormir no chão em covas cobertas de capim. Notou-se nesse grupo a criação de porcos, galinhas e patos e a presença marcante dos fazendeiros na região. Segundo Ribeiro, “Saem, às vezes, para trabalhar nas fazendas vizinhas como peões, lenheiros ou lavradores; assim conseguem algum dinheiro para adquirir panos, remédios, sal, fósforos e outros artigos (1951, p.87). Este autor atenta ao êxodo dos mais novos desses grupos, crescendo nas fazendas e em algumas ocasiões sendo criados por fazendeiros. O autor traça dois principais conceitos no que tange ao futuro da etnia: a perda dos costumes tribais, mergulhando nos elementos hostis e o sentimento de pertencimento a essa identidade tribal, “estamos certos de que, com o último deles viverá ainda um Ofaié” (RIBEIRO, 1951, p.87).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No tempo presente, os Ofaié residem próximos a cidade de Brasilândia-MS, em duas áreas: a primeira sendo o “centro” da comunidade, de 484 hectares, onde a maioria reside, e a segunda área correspondente a 1.937 hectares identificados pela Funai como território tradicional Ofaié e que se encontra ocupado pelos indígenas enquanto aguardam a demarcação. A população se divide entre Ofaié, Guarani (Kaiowá e Nhandeva) e não-indígenas. Os grupos de Ivinhema, Vacaria e Tabocos de fato foram extintos, restando os grupos que se concentravam do Rio Verde ao Paraná.

Com esse ensaio, procurei mostrar algumas maneiras de abordar a etnografia Ofaié na primeira metade do século XX, por meio de de seus escritos pioneiros e autores clássicos, dando ênfase nas individualidades de cada grupo, ainda que de forma breve. É importante ressaltar as novas possibilidades e abordagens com o advento do fundo documental “Ataíde Francisco Rodrigues”,

doado pelo pesquisador Carlos Alberto dos Santos Dutra, para o Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, da UFMS-CPTL. A pesquisa e produção científica Ofaié merece receber outros olhares e métodos para possíveis respostas que ainda possam estar entreabertas.

REFERÊNCIAS

BORGONHA, Mirtes Cristiane. *História e Etnografia Ofayé: Estudo sobre um grupo indígena do Centro-Oeste brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFSC, 2006.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *O território Ofaié: pelos caminhos da história*. Campo Grande-MS: FCMS/Life Editora, 2011.

FREUNDT, Erich; *Índios de Mato Grosso: com uma introdução de Herbert Baldus*. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1947.

MARTINS, Fernanda Santa Roza Ayala. *O serviço de proteção aos índios e localização de trabalhadores nacionais e a política agrária na Primeira República: grupos agrários, projetos e disputas no Maranhão (1910-1918)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - UFF, 2012.

NIMUENDAJÚ, Curt. A propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Brésil). *Journal de la Société des Américanistes*, Année 1932, Volume 24, Numéro 1 p. 187 – 189. Tradução de SCHRODER, Peter. In: *Tellus*. Campo Grande-MS, ano 13, n. 24, p. 361-364, jan./jun. 2013.

RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de Deus*. Ensaio de Etnologia e Indigenismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. (Coleção Estudos Brasileiros, vol. 2), p. 85-130.

RIBEIRO, Berta Gleizer. O Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. Separata da *Revista de Antropologia*. Volume XXV– USP, 1982.

SIQUEIRA, Enanir Martins de; SOUSA, Neimar Machado de. A atuação do serviço de proteção ao índio e a história dos Guarani/Kaiowá. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História* – Londrina-PR, AMPUH, 2005.